

Alfredo Pimenta

paradigma de trabalhador intelectual

1. Na década de 40, Alfredo Pimenta empenhava a sua acção numa predicação entusiástica, conduzida com ardor de neófito, em prol dos valores que supunha poderem garantir a Portugal um futuro digno de ser vivido. Havia, nos acentos de certeza inspirada com que se exprimia, uma grande autenticidade, muita sinceridade e, por isso mesmo, uma boa dose de ingenuidade. Pimenta conhecera, na sua juventude, a dúvida perante o que mais tarde consideraria como verdades transcendentais: professara um agnosticismo que não se comprazia — como reconheceria mais tarde — com as tradições nacionais. Convertera-se, depois, ao cristianismo, e por isso a sua primeira afirmação era a de que só a fé católica, vivida com simplicidade e sem interrogações, podia constituir uma caução, para os espíritos inquietos, de uma sólida estabilidade interior. Conhecera, ainda em período monárquico, os arrebatamentos do republicanismo, tendo contribuído para a crise política da realeza, mas reconhecia agora, na década de 40, que a Monarquia era uma outra «Verdade» que valia bem a pena pregar à juventude. Antes, porém, da instituição monárquica, ele acreditava, através da resistência perante os vendavais do internacionalismo, em que a Pátria representava um nobre ideal para todos os Portugueses. Deus, Pátria e Rei: estas eram, pois, as suas «três verdades», aquelas que, nesses anos da guerra mundial e do imediato pós-guerra, Alfredo Pimenta propunha à mocidade do seu País. A sua palavra era genuína e veemente: muitos jovens o seguiam. Faltava-lhe talvez, porém, para vir a ser um chefe carismático, a aura romântica que mitificara Sardinha, desaparecido na sua primeira maturidade. Nele, poeta esquecido que um dia terá de ser arrancado do purgatório e revalorizado como merece, era a erudição, para mim, que, na sua obra, se sobrepuja à predicação doutrinária. Contribuia ainda para o desmitificar, aos olhos de muitos jovens, a sua torrencial veia polémica, a sua temível agressividade de fundibulário das letras, herdeiro

da tradição literária camiliana. Escrevia com limpidez cristalina, com rara correcção e com uma elegância que não raro inculcava, na sua escrita, verdadeiros requintes de artista. Lia-a, lê-se com facilidade e prazer: os seus próprios adversários reconheciam a vernaculidade do seu estilo.

Era natural que, com um ideário como o seu, Alfredo Pimenta fosse totalmente alérgico a tudo o que se opunha às suas certezas. Católico praticante, todo o materialismo repugnava à sua visão do Homem e do Mundo. Patriota até à exaltação nacionalista, o comunismo surgia-lhe como o inimigo número 1, pois, além de contrariar, em seu entender, o espiritualismo, feria de morte, segundo ele, a sua concepção dos valores nacionais. O marxismo era, portanto, para Pimenta, a heresia maior deste século.

Como acontece com os homens de fé ardente, que concentram toda a sua força interior numa «Verdade» essencial (e carrilam logicamente todas as suas energias contra o «erro» contrário), Pimenta estava predisposto para interpretar as correntes ideológicas que tinha por erróneas, através da História, como outras tantas metamorfoses do seu tão odiado marxismo-leninismo. Nessa espécie de obsessão espiritual, nascida da própria intensidade com que acreditava nas suas verdades de doutrina, os desvios teológicos da Reforma e o que ele julgava como exageros temporalizantes do Renascimento, o racionalismo das Luzes e o pensamento laico da Revolução francesa eram outras tantas formas de uma heresia materialista dialécticamente canonizada em sistema: tudo isso só podia levar, por uma lógica inflexível, à Revolução russa, ao exterminio dos representantes legítimos da autoridade divina junto do povo, à subversão, à anarquia social que conduzia directamente à tirania totalitária. Para ele, por todas essas razões, a democracia, pela qual se tinha batido antes da conversão, era o caminho mais fácil e o mais natural para conduzir o Estado à organização comunista, os cidadãos ao colectivismo socialista.

Não há que investigar se Alfredo Pimenta tinha ou não tinha razão porque, no domínio das certezas religiosas e ideológicas, o «ter razão» não tem qualquer sentido e só a própria consciência individual pode ser juiz em causa. Limite-me a explicar, como é óbvio, o que me parece ter sido o credo doutrinário de Pimenta nesses anos de guerra e do imediato pós-guerra. Confesso que nunca me senti atraído pelo verbo inspirado dos pregadores de ideologias, dos profetas armados ou até desarmados que costumam suscitar a simpatia dos espíritos ingénuos. O que, na sua obra, sempre mais

me interessou, foi a sua grandíssima erudição, a sua informação exaustiva, embora com um ou outro lapso de rigor, característico dos investigadores, mesmo dos mais cultos e diligentes da sua geração. Foi a cultura que me aproximou de Alfredo Pimenta assim como foi a cultura que me revelou a sedução intelectual e literária de António Sérgio. Dois adversários que se temiam e, no fundo, se detestavam pelos defeitos que cada um supunha descobrir no outro: Pimenta censurando em Sérgio o desrespeito visceral pela erudição e pela bibliografia; Sérgio estigmatizando em Pimenta a sua radical negação da especulação teórica. — Sem falarmos do que os separava e os afastava ideologicamente.

Nesses anos — já longínquos — do imediato pós-guerra, embora me desagradasse o seu polemismo combativo, atraía-me, nele, a sua imensa erudição, a sua curiosidade intelectual sem limites, o seu ardor em investigar tudo o que lhe parecesse conhecimento crítico, antigo ou moderno, em todos os ramos do *scibile*. Foi isso o que me aproximou do polígrafo.

2. No verão de 1948, concluída a minha licenciatura na Universidade de Coimbra, fui gozar uma parte das férias ao norte de Portugal, em Braga, onde costumava passar algumas semanas de repouso. À noite, depois de jantar, discutia-se literatura na «Nova Brasileira». Eram tempos em que os estudantes liam muito, aguardavam com impaciência os últimos livros chegados de Paris, de autores como André Gide ou mesmo Mauriac e Sartre. Escreviam-se poemas, ensaios, pequenas monografias com muito estusiasmo e talvez pouca substância sobre os movimentos filosóficos e literários contemporâneos, desde o existencialismo ao neo-realismo. À alegre, rumorosa companhia de jovens, juntavam-se alguns homens amadurecidos, que procuravam talvez sentir-se menos velhos ao contacto dos novos ou, então, desejavam comunicar-lhes um pouco da experiência dos anos. Eram poucos, entre nós, os que podiam deslocar-se de automóvel mas, entre os outros companheiros de tertúlia, havia alguns mais abastados e, entre estes, um médico muito distinto e culto que visitava de carro os seus doentes. Foi ele quem, um dia, me convidou para ir, com o Amândio César, jantar a Guimarães onde, na sua Casa da Madre de Deus, se encontrava então Alfredo Pimenta.

Tinha uma grande curiosidade por voltar a ver o investigador que já de outra vez, sendo ainda estudante, eu havia cumprimentado na Torre do Tombo. Como seria ele na sua própria casa,

junto da família? No nosso primeiro encontro, parecera-me um tanto frio, altivo e distante, mas supunha então tratar-se de uma simples impressão superficial.

Ao entrar na sala, reconheci logo o seu perfil um tudo-nada anguloso, esculpido, com o rosto trabalhado no relevo da fronte. Sentado numa poltrona, com uma manta de lã sobre os joelhos, pois o fim da tarde era fresco, Alfredo Pimenta sorriu-me com simpatia acolhedora. Eram os tempos em que se não tinha ainda esmorecido o seu ressentimento contra o cardeal Cerejeira, que pusera de sobreaviso os católicos do patriarcado perante os escritos de Pimenta, apresentados como de autor «perigoso». Dizia-me, a propósito, em palavras engraçadas, espumantes de humorismo, que tinha procurado, nas terras da Madre de Deus, destruir um ninho de vespas com água a ferver. O resultado foi para ele inesperado. Ordenadas em regimento aguerrido, as vespas arremeteram contra ele que fugiu a bom fugir até se refugiar dentro de casa. E acrescentava: «Quando eu morrer, terei no tribunal divino, para advogarem a minha causa, os pobrezinhos que se acolhem à Madre de Deus, Nossa Senhora e o meu anjo da guarda. Do outro lado — o esquerdo, naturalmente, ...— encontrar-se-ão alguns dos meus inimigos figadais: o Diabo, as vespas e o cardeal Cerejeira”. E as suas palavras, maliciosas mas não maldosas, eram interrompidas por francas risadas juvenis. Com quantas faltas de caridade não foi tratado, nesse fim de verão de 1948, em Guimarães, o Patriarca de Lisboa! Pimenta exprimia-se com tanto mais à vontade quanto é certo saber que eu tinha publicado, algumas semanas atrás, um artigo insolente e irreverente em que punha em causa o prelado devido a uma pequena inexactidão num dos seus últimos livros. Pecados da minha juventude, que mais tarde procurei resgatar em escritos menos injustos, menos precitados e mais serenos.

Em Dezembro desse ano preparava-me para partir para Roma, onde iniciei, em Janeiro de 1949, a minha missão de leitor de português na Universidade dos Estudos. Em Setembro voltei a Braga. Voltei à Madre de Deus. Alfredo Pimenta manifestou-me o maior interesse pela vida italiana e pediu-me informações sobre as instituições universitárias, sobre De Gasperi, que não apreciava por ser democristão (partido que confundia, segundo ele, religião e política), sobre Guido Gonella, acerca dos discursos do Papa. Transplantado da minha materna e provinciana Coimbra para Roma, os meus horizontes culturais tinham-se alargado e, nas minhas palavras, devia ser visível essa nova dimensão mais aberta dos pro-

blemas culturais e literários. Um ferrenho nacionalista, amigo do escritor, dizia em tom facetado e brincalhão ao velho polígrafo: «A Itália estragou completamente este nosso jovem intelectual. Foi de cá português velho e relho e, em poucos meses, deixou-se contaminar pela democracia, pelo liberalismo. A democracia cristã corrompeu-o e intoxicou-o. É uma desgraça!». Pimenta ria-se com simplicidade, deixava a impressão de concordar por deferência brincalhona e não pareceu mostrar muita hostilidade contra a tão negredada democracia. A despedir-se, pediu-me que lhe fizesse em Roma uma assinatura de *L'Osservatore Romano*. «É para demonstrar aos bispos portugueses — acrescentou — que estou mais informado do que eles acerca do que se passa na Cidade Eterna!».

3. Se foram os livros que me aproximaram de Alfredo Pimenta, seria natural que eu tentasse agora pôr em evidência os serviços prestados pelo investigador à cultura portuguesa. Numa entrevista recente a um jornal de Lisboa, o historiador Jorge de Macedo, professor da Universidade Clássica e da Universidade Católica Portuguesa, mencionou o nome de Alfredo Pimenta entre os estudiosos que, em seu entender, merecem ser recordados, por não se ter confinado na simples facticidade da história e por ter sabido formular hipóteses de trabalho valiosas, de maneira a tornar os seus estudos ricos de substância problemática. Pimenta foi um grandíssimo erudito, apaixonado pelos problemas da história nacional, para os quais procurou carrear não só uma documentação solidíssima mas também uma sua interpretação, não raro, mesmo, soluções de cunho científico. Foi sempre, porém, justamente pelo seu amor da ciência, um adversário irreduzível das teorizações hipotéticas e de novidades metodológicas inconsistentes. Basta ler os seus imponentes três volumes dos *Estudos Filosóficos e Críticos* para de tal nos apercebermos. Na sua polémica, às vezes verrinosa, com António Sérgio, ele preconizou o primado do *saber* perante um *pensar* que ele considerava como lúdico e puramente gratuito, na teorização, que tinha por delirante, de congeminções hedonisticamente conceptuais. Se tinha razão — e aqui o ter razão é significativo — quando sustentava que todo o filosofar caminha na direcção de um saber concreto, cartesianamente claro e simples, este não é atingível sem um pensamento coerente. A discussão parece, portanto, assentar sobre equívocos. Tanto Sérgio como Pimenta tinham e não tinham razão e dir-se-ia que, nesta polémica, se debatiam contra moinhos de vento.

A obra vastíssima de Alfredo Pimenta, depurada dos opúsculos polémicos, é um nobre exemplo de dedicação à pesquisa científica, em quase todos os ramos das ciências humanas, mas sobretudo no terreno da historiografia nacional.

Os seus artigos sobre humanistas, pensadores e filólogos do Renascimento podem pecar, uma ou outra vez, pelo gosto, tão nosso, de não remontar às fontes clássicas originais, aos textos latinos e gregos do Quatrocento e do Cinquecento, que o erudito, por certos preconceitos doutrinários, minimizava talvez. Aliás, nada há de mais difícil, em Portugal, do que começar e levar a bom termo uma investigação filológica ou mesmo de história das ideias, pois as fontes clássicas e humanísticas são quase sempre inacessíveis. Raros são os estudiosos, por outro lado, que podem permitir-se o *luxo* de armazenar em sua própria casa essas fontes antigas, que se encontram quase sempre bem guardadas nos arquivos e bibliotecas, onde só podem ser consultados de dia e durante poucas horas. Mas há que sublinhar que Alfredo Pimenta foi um dos poucos investigadores portugueses da sua geração que sempre tiveram o interesse de contactar, na medida do possível, as fontes históricas, mesmo as de menos fácil acesso. Até historiadores deste último quartel do século XX, que se pretendem informadísimos acerca dos métodos mais modernos e não desdenham seguir certas modas *qui ne mènent pas bien loin*, estão impreparados, apesar do seu valor (grande, nalguns casos) para lerem a *Historia sui temporis* de Paolo Giovio, por exemplo, texto discutível mas indispensável para compreender a problemática subjacente nas repercussões internacionais da expansão portuguesa. Muitos, ou pelo menos alguns desses notáveis historiadores, ignoram, por outro lado, as descobertas metodológicas importantíssimas da historiografia de um Chabot, de um Cantimori, sem já falar de Benedetto Croce e Giovanni Gentile. Alfredo Pimenta, na década de 40, informava-se já, junto da minha jovem curiosidade de aprendiz intelectual, em contacto com a historiografia moderna italiana, acerca dos últimos livros de Croce e de outros investigadores.

A biblioteca de Alfredo Pimenta, hoje na Fundação Calouste Gulbenkian, é um testemunho admirável desta tendência do historiador para contactar as fontes históricas antigas. Pude comprová-lo ainda recentemente ao verificar que, nela, se encontra um dos poucos exemplares, existentes em Portugal, da série de relatos de viagens de Ramusio que, em italiano, difundiram versões de textos fundamentais portugueses do século XVI, alguns dos quais, como,

por exemplo, o de Duarte Barbosa, só se imprimiram em letra de forma, em Portugal, no século XIX. Ele foi um dos raríssimos historiadores que, entre nós, se abeiravam dos grandes tratados históricos, teológicos, filosóficos e enciclopédicos dos séculos XVII e XVIII, o que explica a informação erudita copiosíssima que enriquece os seus trabalhos e que tanto deslumbrou a minha curiosidade de jovem estudioso, bisonho nestas lides do trabalho intelectual.

Fala-se frequentemente da agressividade polémica de Pimenta, mas quase sempre se ignora que foi de uma grandíssima cordialidade, sobretudo para os jovens que procuraram, no seu saber, uma orientação cultural e nem sempre uma directriz doutrinária, porventura demasiadamente marcada pela sua *forma mentis* de convertido. Daí que tenha sempre defendido que o preço dos livros devia ser modesto, pois os professores e investigadores são geralmente de posses muito parcas. Quando quis prestar homenagem ao monumento insigne de saber bibliográfico que é o catálogo de D. Manuel II, *Livros Antigos Portuguezes da Biblioteca de Sua Majestade Fidelissima*, não deixou de evidenciar esse aspecto: o livro era inacessível, pelo seu custo elevado (que hoje nos parece ridiculamente baixo), às bolsas médias de docentes e discentes que desejassem ler uma tão importante obra. Que diria Alfredo Pimenta, se se encontrasse ainda no meio de nós, ao verificar que o preço dos três volumes dessa obra se eleva hoje a cerca de 70.000\$00?

Mas estes são aspectos comezinhos, insignificantes, que nada representam perante as qualidades de investigador, perante as suas virtudes eminentes de servidor da cultura, que não nos é, infelizmente possível, aqui realçar no seu justo valor.

Que estas singelas palavras, a recordarem um grande trabalhador das letras portuguesas, sejam apenas de homenagem a dedicação que ele sempre consagrou à cultura e à investigação históricas: afincos extraordinários ao trabalho e ardor inexcedível na pesquisa, assim como entusiasmo ardoroso pela conquista do saber, virtudes excelsas de que ele foi e é um alto exemplo, um paradigma.

Paris, 30 de Setembro de 1981.

José V. de Pina Martins